

As 'trocas milagrosas' de Tereza

A história de Terezinha Barreto Costa, cujos pais deixaram a Bahia com a família, fugindo da seca

MARIA ALICE DA CRUZ
halice@unicamp.br

O que lhe propiciou o apreço por chuvas foi o infortúnio da seca numa terra que pouco conheceu, mas ouviu falar muito. A prosódia baiana do casal retirante da seca, rumo a Japurá, no Paraná, talvez lhe soasse como alívio ao anunciar, ainda no ventre da mãe, que seria uma sobrevivente da seca.

– Papai e mamãe haviam perdido quatro filhos entre mim e meu irmão mais velho, então decidiram que queriam ter uma filha sobrevivente da seca. Venderam o pedaço de terra que tinham e foram para o Paraná, para que eu nascesse. Por isso que gosto da chuva. Para quem teve uma realidade de seca, a água é muito importante.

Mas esse passado “não vivido” somente serve para agradecer as colheitas e a vontade quase obrigatória de produzir muito. Em nada ele combina com o riso espontâneo da funcionária da Coordenadoria de Assuntos Comunitários (CAC) da Unicamp durante a entrevista. Prefere produzir ações em benefício do todo. Assim escolheu encarar as propiciações que lhe surgem a todo tempo. Sem a seca dos olhos e com o brilho do fardo. Já que para quem é propiciado o fardo, este deve ser transformado em pequenos retalhos coloridos a se constituírem em uma grande colcha para alegrar os apreciadores e hidratar a retina seca, conforme sonha Terezinha Barreto Costa, conhecida como Tereza Barreto. Moça de nome chique, que até soa como marca registrada.

– Marca? Não. Batizei meu projeto de “Vida e motivação”. Vivo e motivo. Gosto de motivar, respondo a quem me pergunta se Tereza Barreto é uma marca.

Mas, toda trabalhada no bordado, é com esta marca que uma peça customizada por Tereza é conhecida: Tereza Barreto. Este é o nome da blusa, da bolsa, do cachecol seja no bairro Cambuí, na Unicamp, ou em alguns países do mundo. Assim mostram os comentários nacionais e internacionais em sua página eletrônica.

Em meio a mil palavras sopradas em 30 segundos, ouve-se a expressão “trocas milagrosas”. É sua forma de receptionar as propiciações e transformá-las para doá-las a outrem.

– Acredito em trocas milagrosas. O que chamam de marca registrada é uma grande rede de pessoas com linha e agulha na mão, transformando esses instrumentos em um produto ao mesmo tempo belo e útil. Enquanto vestem ou são usados como acessórios por alguém, o bordado e a costura reduzem o nível de depressão de meus colaboradores. E não há um local; cada qual produz em seu próprio sofá. O ateliê, hoje, está em vários lugares do mundo.

Apesar da característica empreendedora, Tereza só consegue pensar em uma coisa:

– Quero ser empreendedora da felicidade. Assim respondo também. Na busca de construir essa troca milagrosa de produções artesanais, produzimos sustentabilidade.

A maior empreitada no âmbito de artesanato teve de contar com esses negociadores de felicidade. A troca foi produzir em 2012, mais de 2 mil bolsas para notebooks para professores de todo o Brasil inscritos no Congresso de Leitura da Associação de Leitura do Brasil (ALB), a pedido do presidente Antônio Carlos Amorim, professor da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp.

– Fiz rapidamente a consulta. Até porque é difícil segurar linha em agulha num nível 3 de depressão. Mas minha grande resposta a mais esta oportunidade foi sair de minha área para realizar um trabalho de rotina administrativa na Unicamp e observar que, a qualquer direção que mirasse no campus, havia um professor brasileiro com uma sacola customizada pela rede Tereza Barreto a tiracolo. Há coisas milagrosas para minha vida. Como conseguimos cumprir esta missão? Não sei. Só sei que a vida tem sido extremamente generosa comigo. Se eu não tivesse coragem de celebrar e compartilhar com as pessoas, seria muito mesquinha, porque são milagres. Não tenho outra palavra pra dizer. Quando a vida começa a ficar comum, prefiro pensar que estou descansando.

– Sempre fui feliz na Unicamp, mas em fase conclusiva quero fazer algo que me faça muito feliz, disse para minha coordenadora.

Em seu plano de interpretar as propiciações, Tereza se prontificou a sempre segurar com orgulho uma caneta e fazer desse objeto a ferramenta para retribuir o grande amor entre os dois seres que a desejaram viva e feliz. Aos 66 anos de casamento, Seu José Maria e dona Rosália podem ter certeza que sua reverência aos seres que seguram uma caneta foi atendida. Para amenizar a autopunição por terem trocado suas terras na Bahia para recomendar uma nova realidade de pobreza no Sul, decidiu estudar o quando bastasse para ser uma boa aluna e uma grande profissional.

– Primeira coisa que fiz com primeiro salário da Unicamp foi procurar fazer um cursinho para prestar vestibular em letras, porque papai já tinha uma crença de que a pessoa precisava ter uma caneta para ser valorizada. Até hoje, aos 93 anos de idade, tira o chapéu em sinal de reverência a uma pessoa que usa uma caneta. Ele vê uma pessoa que sabe ler e escrever como uma autoridade. Leva penca de banana da roça, melancia para o escritório, o bancário, o farmacêutico.

Mesmo depois de uma decepção? Sim, Seu José valoriza as propiciações alheias, conforme Tereza.

– Houve uma época, no Paraná, que começaram a sumir as frutas maduras do quintal de meus pais, e mamãe pediu para ele ver quem pegava as frutas. Ao ver que era uma dessas pessoas sempre presenteadas, ele descobriu que às vezes o sujeito é obrigado a perder sua inocência, seu encantamento com o outro. Quando mamãe disse para ele falar que não se tira as coisas dos outros, ele disse: “Eu me escondi atrás do pé de café, porque eles estavam pegando as coisas, mas quem ficou com vergonha fui eu, porque uma pessoa que pega uma caneta não deveria fazer isso”.

– Mas se não fosse a costura da mamãe, nem lápis teríamos para escrever no Paraná.

Seis cores. Era este o conteúdo de sua primeira caixa de lápis de cor. Da segunda, da terceira, da quarta, até o dia em que as sobras das tecelagens multiplicassem os tons das cores.

– E sempre era difícil comprar caderno. E olhávamos com tristeza para aquela dificuldade toda, mas à medida que amadurecemos, descobrimos outras formas de conhecimento que compõem tão grandemente um ser humano quanto um título de professor doutor. A pureza da alma, a inocência, essa candura.

Mas confessa que o entrelace de vivência, inteligência e teoria lhe propiciou a amenização de infortúnios.

Foi trocando as cargas aos poucos. Chegou a Campinas logo depois de dispensar o hábito de freira, missão para a qual já havia feito seu voto temporário. Trabalhou no projeto de padre Haroldo voltado a adolescentes e jovens dependentes de drogas e na área de promoção social no CRT da Prefeitura de Campinas. Mas, disposta a encontrar um trabalho estável, perguntou a uma senhora, passageira de um mesmo ônibus urbano, sobre uma empresa interessante para a qual poderia prestar concurso público.

– Ela me olhou e disse: “Minha filha, não conhece a Unicamp? Passar no concurso para trabalhar lá é a mesma coisa que ganhar na loteria”.

Como as propiciações sempre lhe ocorrem, na distribuição de cargos, encontrou uma psicóloga que se lembrou de seu trabalho com os “meninos” do padre Haroldo. Foi orientada a preencher uma vaga na Capelania do Hospital de Clínicas, onde encontrou o padre Wilson Denadai em plena produção de sua dissertação de mestrado.

– Isso me fez escolher letras. Lembrei as vezes que eu acomodava uma lasca de madeira nas pernas e dizia que seria uma escritora. Hoje sou formada em letras pela PUC-Campinas, desenvolvi projeto de mestrado na área de análise do discurso e estou, de fato, escrevendo um livro, no prelo.

LEGADO

O que pode surpreender muitas pessoas que cruzaram seu caminho, mas hoje recorda com sorriso nos olhos.

– O curso de letras era muito exigente, e eu cheguei a passar vergonha diante de colegas de turma ao ler algum trecho em inglês. Certa vez, comentei com uma senhora no hospital sobre essa dificuldade e, como eu havia sido atenciosa com

sua família, sua filha me ofereceu aulas de inglês. Elas moravam perto do antigo restaurante Sancho Pança, hoje Aulus, e eu passei a vir a pé de Barão Geraldo até a casa delas, aos sábados, pela manhã. Até que um dia, elas me sondaram sobre a possibilidade de passar um ano na Califórnia, como *baby sitter* do filho de uma prima delas, e realizando curso de inglês. Aceitei prontamente.

Tereza entende a vida como um legado.

– Tem de dar certo. Tem de acontecer.

A cada graça, promete fazer o bem a alguém. Quando tinha 10 anos, afastou-se da escola para cuidar da irmã Leila, que nasceu justamente quando a mãe ficou muito doente e teve de se tratar em São Paulo.

– Se não tivéssemos vindo para cá, teríamos perdido a mamãe. Já era minha missão. E quando vim trabalhar em Campinas, trouxe Leila e Luci comigo.

De onde vem tanta motivação? Das chances de ajudar, garante a funcionária.

– Sempre perguntam isso. Gosto de admitir que somos felizes agora. Temos de nos encher de coragem porque lembranças de ontem se desmancham na gente, mas o agora é pura manifestação divina de estar aqui, acordar e fazer parte dessa história toda.

Ela inclui nessa colcha, desafios que julgava não dar conta.

– Em 1996, diagnosticaram um tumor em meu fígado e enfrentei cirurgia sob a hipótese de estar com câncer, mas deu benigno. Essa experiência suficiente para experimentar minha fé. Eu dizia à equipe que eu não sabia qual era a técnica deles, mas meu Deus me tiraria daquela mesa viva, dona de minha vida de novo.

Algumas propiciações talvez não se expliquem, mas Tereza faz questão de contar.

– Minha vida mudou depois dessa experiência. Lembro que nessa noite da UTI, uma enfermeira punha gazes úmidas em minha boca seca, e eu falava para minha mãe que um anjo que socorreu. Ela dizia que era por conta da medicação. Comprei um vaso de violetas para presentear a enfermeira, mas me responderam que eu não tive alguém só para cuidar de mim com tanta delicadeza.

Em 9 de setembro de 1996, quando tomou o ônibus para a Unicamp, para retomar ao trabalho, pensou:

– Era tudo bonito assim, ou ficou bonito para mim? Foi então que percebi que era a vida e esse milagre de estar viva. Tinha passado dez anos na Unicamp e pude perceber o valor dos amigos. Encontrei as pessoas que estavam na fila do banco, do restaurante. Eram as pessoas que estavam tirando as placas do Raio X, as enfermeiras. Ali era a hora da troca. Da gratidão. Tempo de colheita. Quando trabalhava no CRT, prévia para a Febem, voltava chorando por ver a situação daquelas famílias. Quando aquela senhora, desconhecida, falou sobre a Universidade, olhei para o céu e disse: Vou trabalhar na Unicamp. Aqui, na Unicamp, consigo ajudar as pessoas.

Tudo depende de estar atento às propiciações.

– As abelhas, quando saem da colmeia, acordam como nós, mas saem diretamente em busca de sustento; não se perdem em folhagens, pétalas deformadas, vão ao néctar para trazer pólen para que o ciclo da vida se alimente.



Terezinha Barreto Costa, funcionária da Coordenadoria de Assuntos Comunitários.
“O que chamam de marca registrada é uma grande rede de pessoas com linha e agulha na mão”

Foto: Antonio Scarpinetti